

Se a direita quer vencer, precisa estar unida, diz Marcos Pontes



D **DIÁRIO DO GRANDE ABC**
 Sete cidades só jornal

automóveis
 economia
 política

cultura&D
 Diário

Se a direita quer vencer, precisa estar unida, diz Marcos Pontes

Único brasileiro a integrar equipe da estação espacial internacional, em 2006, o astronauta Marcos Pontes (PL), ex-ministro da Ciência, Tecnologia e Inovações e atual candidato a senador, defende uma transformação na indústria da região, especialmente a automotiva, com investimentos em inovação e tecnologia

4.0. "A indústria do Grande ABC precisa se adaptar a inovações. Isso vai ajudar a produzir empregos", afirmou. Em entrevista exclusiva ao Diário, Pontes avalia que é necessário união dos candidatos da direita ao Senado para derrotar o ex-governador Márcio França (PSB). Na prática, o ex-ministro propõe o chamado 'voto

útil". "Se fosse invertida a situação, com a Janaina Paschoal (PRTB) na frente das pesquisas e eu sem chance de ganhar, eu mesmo defenderia o apoio a ela. Se a gente quer que a direita vença, a gente tem de se unir." Defensor da ciência, o ex-ministro também falou da necessidade de mais recursos para o setor.

da Redação

Por qual razão o sr. deseja ser senador por São Paulo?

Ao longo da minha vida, tive experiência grande internacional, com capacidade de trazer acordos de interesse para o Brasil. Depois, como ministro, percebi que muitas batalhas são travadas no Congresso Nacional. Conquistas importantes passam por lá e é necessário alguém que tenha capacidade técnica para explicar a importância desses projetos. E São Paulo precisa de uma representação mais técnica e eficiente. Percebi que seria útil nessa condição no Senado, principalmente se eu conseguir assumir a Comissão de Ciência e Tecnologia, que é meu objetivo, e trabalhar em parceria com o ministro.

Mesmo na função de ministro, o sr. sempre se queixou do baixo orçamento destinado ao setor, alegando ser insuficiente. No Senado, pretende lutar por mais verbas para a Pasta?

Não tenha dúvida. Essa é uma briga constante. Ciência, Tecnologia e Inovações é um ministério que contribui para todas as outras áreas. Para melhorar a educação, infraestrutura, saúde, segurança pública, é necessária ciência e tecnologia. Nesse sentido, recursos para o segmento não são gastos e sim investimentos. Por isso é importante advogar a favor. Quando eu era ministro consegui equacionar isso, buscando não só do Orçamento da União, mas fomos buscar em outras fontes. Hoje instituições recebem recursos do setor privado. Isso é uma mudança de paradigma. Também conseguimos descontingenciar o Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Isso significou mais R\$ 9 bilhões por ano. Com isso, a gente conseguiu equacionar a questão do orçamento. Peguei o ministério devendo R\$ 350 milhões e entreei com um superávit de R\$ 9 bilhões. Não dá para contingenciar o orçamento de Ciência e Tecnologia. O País investe 1% do PIB no setor. Ideal é chegar a 3%. Na Coreia do Sul, che-

ga a 5%. Ciência não é cara; caro é não ter ciência.

Como foi garantir recursos para o ministério durante a pandemia e o que foi afetado?

O orçamento do ministério baixou de R\$ 3,7 bilhões para R\$ 3,2 bilhões. O governo investiu, de forma correta, em ações como o auxílio emergencial. Mas eu consegui acréscimo de R\$ 1 bilhão para ser aplicado diretamente no combate à Covid-19. Conseguimos ativar uma rede de pesquisadores para adotar a estratégia de atuação no Brasil. Isso inclui desenvolvimento de testes e diagnósticos, de remédios, acompanhamento de animais silvestres, sequenciamento genético, construção de laboratórios. O Brasil também passou a desenvolver vacinas, e agora estão sendo feitas para a varíola dos macacos. Agora não estamos mais despreparados para uma pandemia.

Como um defensor da ciência, como foi lidar com aqueles que não defendiam a ciência, principalmente no auge da pandemia?

Eu trabalho com ciência a vida toda. Poucas pessoas podem dizer que sua vida dependeu literalmente da ciência e da tecnologia. Quando você senta em um foguete com 200 toneladas de combustível, você tem de acreditar na engenharia e na ciência. Mas quando a narrativa política se mistura com a ciência, aparecem coisas estranhas. Cientista não se abala com pseudocientista falando na imprensa. O nosso trabalho é extremamente importante para a sociedade.

O sr. conseguiu levar essa tese para dentro do governo? Hoje a administração Jair Bolsonaro defende a ciência?

Não se trata de defender ou não, e sim fazer o que está previsto constitucionalmente. O presidente Bolsonaro, na questão das vacinas, comprou mais de 600 milhões de doses. E chegou ao Brasil um mês depois da pri-

meira aplicada no planeta. E havia brigas com governadores, principalmente em São Paulo. Isso foi muito ruim. Somos o País só. Todas as pessoas foram vacinadas no Brasil por meio de recursos do Ministério da Saúde. Somos um dos países mais vacinados no mundo.

O Grande ABC vem sofrendo um processo de desindustrialização nos últimos anos. Um dos caminhos para mudar esse cenário pode ser inovação tecnológica?

Sem dúvida. Esse é o ponto. Ao longo do tempo, a China se colocou como a fábrica do planeta. E isso foi muito importante. Hoje é muito difícil competir com eles. Hoje, para entrar no mercado, é preciso investir em inovação. Brasil tem investido em tecnologias como inteligência artificial, nanotecnologia, com níobio, grafeno, superbaterias. Nesse sentido, a indústria automotiva precisa ser 4.0. O que vai mudar nos carros no futuro é a propulsão, com tendência de serem híbridos. Essa transição vai ser por meio da parte elétrica, com baterias. A indústria do Grande ABC precisa se adaptar a inovações. Isso vai ajudar a produzir empregos. A tecnologia é essencial. Na área de tecnologia da informação, há 300 mil vagas nessa área. O que falta é pessoal qualificado. E há muita gente desempregada, ainda que os índices estejam caindo. E isso precisa se expandir para todas as áreas. Por isso que vou propor colocar ensino profissionalizante a todos os alunos do ensino médio. Eu sei como fazer.

O sr. foi à estação espacial em 2006. De lá para cá, não se viu muito avanço nessa área. Por que o Brasil não aproveitou essa oportunidade para desenvolver um programa espacial?

Esse programa foi deixado em segundo plano no País durante muito tempo por outros governos. Pelas dimensões, o Brasil precisa de um programa espacial forte, como infraestruc-

tura satelital, para melhorar a agricultura, comunicações, meio ambiente. Muita coisa pode ser feita. E durante muito tempo isso ficou parado. O acordo de salvaguardas tecnológicas estava parado há anos no Congresso. Eu fui lá e conversei com os parlamentares para mostrar a importância disso. Hoje esse programa já avança. Depois que entrei, o programa literalmente decolou. Investimentos em foguetes nacionais, de treinamento, novos satélites, supercomputadores. Agora o Brasil está no ponto do programa espacial para valer.

Assim como a disputa federal, a eleição para o Senado tem se mostrado polarizada entre Márcio França, com apoio de Lula, e o sr., com apoio de Bolsonaro, com vantagem de Márcio. Qual a estratégia para diminuir a distância para o ex-governador?

O que tenho observado, nessa reta final, é que há enorme aceitação à minha candidatura. O que existe ainda é que as pessoas deixam para decidir o candidato a senador no fim da campanha, bem perto da eleição. Ainda há muito desconhecimento e há muitas pessoas indecisas, que vamos trazer para o nosso lado e ganhar a eleição. Vou ultrapassar o Márcio nas pesquisas. Alguns levantamentos no interior do Estado já me colocam na frente. O que não gosto é de ficar acusando adversários. Quem faz isso é porque não tem o que apresentar. Minha campanha é de propostas. Eu defendo a vida, sou contra aborto, ideologia de gêneros e a favor da liberdade.

O sr. defende voto útil entre os eleitores da direita?

Sem dúvida, é preciso juntar a direita. Se fosse invertida a situação, com a Janaina Paschoal (candidata do PRTB) na frente das pesquisas e eu sem chance de chegar, eu mesmo defenderia o apoio a ela. Se a gente quer que a direita vença, a gente tem de se unir. O voto útil é importante nesse momento.



Quando a narrativa política se mistura com a ciência, aparecem coisas estranhas. Cientista não se abala com pseudocientista.



Hoje, para entrar no mercado, é preciso investir em inovação. Nesse sentido, a indústria automotiva no Brasil precisa ter tecnologia 4.0.



O que eu tenho observado é que há enorme aceitação à minha candidatura. Vou ultrapassar o Márcio França e vencer a eleição.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Diário do Grande ABC

Seção: Política **Página:** 4